

Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana – CEDECONDH



Alvoni
Medina



Adeli
Sell



Biga
Pereira



Cláudio
Conceição



Fernanda
Barth



Pedro
Ruas

027ª CEDECONDH 20AGO2024

Pauta: Pauta temática Agosto Laranja – mês de informação e conscientização sobre altas habilidades ou superdotação.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): (14h21min) Boa tarde a todos. Estão abertos os trabalhos da presente reunião da CEDECONDH (Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana). Estão presentes: este amigo que vos fala; Ver. Adeli Sell, nosso vice-presidente; Ver. Pedro Ruas, nosso decano; a Ver.^a Biga e a Ver.^a Fernanda Barth. Obrigado, Fernanda. Também está compondo a Mesa o Sr. Nelson Khalil; o Marquinho Lang, representando o governo do Estado. Seja bem-vindo, Marquinho, nosso diretor-presidente da Faders; e também a Lúcia, assessora técnica, por gentileza venha para a Mesa. Representando a Associação Gaúcha de Apoio às Altas Habilidades/Superdotação, a presidente Lexandra, que hoje não está, mas quem vai representar a associação é a Fernanda Moreira. Nós temos as nossas duas professoras: representando a Secretaria Municipal de Educação, a professora Aline Russo; e a professora Renata Vanin da Luz. Elas depois vão apresentar os temas sobre o Agosto Laranja, esse mês tão importante para as pessoas com altas habilidades/superdotação. Sabemos da importância, nobres vereadores e vereadoras, e todos estão aqui, que se tenha esses temas, principalmente no mês de agosto, para conscientizar a população

para que as pessoas possam olhar para os outros com respeito, independentemente de qual seja a sua diferença, qual seja seu grau de estudo, religião, altura ou cor, para que nós possamos entender que a vida é assim mesmo. Nós não temos que olhar para as pessoa, não é Sr. Nelson, com diferença; devemos olhar com igualdade e com respeito. Sabemos que todas as pessoas são importantes dentro das suas peculiaridades. Então, é muito importante a gente estar aqui neste momento. Passo a palavra ao Ver. Pedro Ruas, nosso decano.

VEREADOR PEDRO RUAS (PSOL): Presidente Alvoní Medina, nosso vice-presidente, Adeli Sell; Ver.^a Fernanda Barth, Ver.^a Biga Pereira; meu caro Nelson Khalil, meu caro Marquinho Lang, Lúcia, pessoal que está representando a presidência, nossas convidadas, pessoal que nos dá a honra aqui, eu quero ser brevíssimo e dizer o seguinte: foi muito bem escolhida a pauta, presidente. Porque eu acho que há no mundo toda uma tendência pela inclusão, a tendência não significa que isso esteja ocorrendo, é uma tendência, é uma questão teórica que muitas vezes se transforma em prática, ou não. Então, em ocasiões específicas, meu caro Nelson Khalil, que conhece tanto o tema, o Lang também, aliás, todas e todos aqui, pois são especialistas, nós buscamos, por formas variadas, e eu acho que a intenção do presidente Alvoní Medina foi exatamente essa, é que nós tenhamos nos limites do nosso alcance as mudanças necessárias. Por quê? Porque nós temos limites como seres humanos, obviamente, e nas nossas funções o que nós vamos fazer em relação a inclusão ou não na Colômbia, ou no Peru, ou na Dinamarca, ou num país africano... Agora, aqui, nós podemos. Eu acho que o que estiver ao nosso alcance, e essa é minha conclusão, nós podemos fazer. Quero agradecer muito às pessoas que estão presentes aqui, lamento que não vou poder ficar até o final da pauta, mas acho de extrema relevância, muita felicidade a escolha, presidente Alvoní. Meus parabéns! Acho que essa CEDECONDH cumpre um papel extraordinário em vários momentos e, em particular, sob a sua presidência. Obrigado.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Obrigado, Pedro Ruas. A Fernanda, que representa a associação, está com a palavra.

SRA. FERNANDA LEÃO MOREIRA FARIAS: Boa tarde a todos. Sou assessora técnica da Associação Gaúcha de Apoio às Altas Habilidades/Superdotação. Faz seis anos que eu estou nesses momentos com vocês e sou muito grata a cada um que sempre nos apoiou e está sempre nos apoiando. A importância que esse tema tem na minha vida – eu tenho uma filha com altas habilidades/superdotação. Então, quando eu comecei a pesquisar sobre o tema, sendo uma diretora de escola com 1.200 alunos, e eu não sabia o que fazer com essas pessoas. Eu enxergava, sempre enxerguei, e aí eu fui sabe onde? Na sala da Aline Russo, conhecê-la, e ela me deu um manual de altas habilidades e superdotação e me mostrou o caminho. E nessa mesma semana estava acontecendo uma formação na Faders, onde eu conheci o pessoal da Faders, a Lúcia e todo mundo, e dali nunca mais eu saí. Eu me identifiquei, identifiquei a minha família, identifiquei os meus alunos, e, desde lá, eu sou o braço direito da Lexandra, e eu disse para ela que nós iríamos mudar a realidade das pessoas com superdotação. Eu chorei junto com Guilherme e também com junto com o Alvoni, e foi isso que me tocou muito assim, toda a história dele de *bullying* e sofrimento como pessoa superdotada, porque a gente acha que, se a pessoa tem superdotação, ela é boa em tudo, e não, na verdade, a pessoa superdotada tem questões muito fortes internas, porque ela também não entende por que ela é daquela forma, por que ela é diferente dos outros, por que ela não é tratada de uma outra forma, por que não são vistas suas necessidades, se só querem achar que ela sabe tudo. E aí começam as demandas, e as demandas são muitas. Eu lido com essas pessoas todos os dias e com essas famílias todos os dias.

Então, a Associação Gaúcha tem 42 anos, a gente já está com a lei municipal há 4 anos, o Agosto Laranja, há 4 anos, a lei veio um ano depois. Agora com lei estadual, muitas coisas estão acontecendo, e a gente só pode agradecer a vocês. Eu, Fernanda, me arrepio toda, assim, por tudo que vocês fizeram por nós, a importância que vocês têm nas nossas vidas, não tem explicação. Eu só

venho agradecer a todos vocês, a todas as pessoas. Eu estou sempre no cantinho, mas eu estou sempre torcendo por todos vocês, porque a causa de cada um é muito importante. Eu também trabalho com inclusão, eu tenho muitas formações na área de inclusão, porque ninguém é igual, nós somos todos diferentes e precisamos ser vistos na individualidade, e é isso que a gente está fazendo aqui. Então, só quero agradecer a todos vocês, muito obrigada em nome da Lexandra também, nossa presidente.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Obrigado, Fernanda. O Sr. Marquinhos Lang, diretor da Faders, está com a palavra.

SR. MARQUINHO LANG: Em nome do Ver. Alvoni, cumprimento os demais vereadores, Ver. Pedro Ruas, Ver.^a Abigail, Ver. Adeli Sell, Ver.^a Fernanda Barth, nosso presidente Nelson Kalil, do Coepede, a Fernandinha, professoras Vanin e Aline, e todos que nos acompanham aqui, a estrutura da Casa também, todos vocês que estão nos acompanhando e também fazendo o nosso trabalho de divulgação. Vereador, seja bem-vindo, nosso amigo da época lá do PFL, do DEM. Como eu falei, quem conhece a temática é a Lúcia, eu sempre digo que a Lúcia representa nossa Faders aqui, eu estou na presidência, nessa passagem, assumi em 2019, e vocês lá, Lexandra... vocês são fora de série. Eu digo que vocês fazem a diferença na vida das pessoas. Ser humano é ser humano em qualquer situação. Não sou um cara que... a minha formação não é essa, eu sou formado em Gestão Pública, pós-graduação em Gestão Ambiental, técnico em contabilidade – não tem nada a ver –, bombeiro também. Eu a Fernanda nos conhecemos desde a época do Paulo Feijó, nosso vice. Essa dupla aqui tem um vínculo muito forte.

Ver. Alvoni Medina, queria te agradecer muito por tudo que tu tens feito, tudo que tens feito nessa área principalmente. E eu digo mais, eu não me preocupo muito, me preocupo também, com o pessoal da Disney, mas eu me preocupo mais com o dia a dia daqui. Eu não tenho dúvidas, gente. Quando eu falo Disney, é aquela mente que a gente perde, muitas vezes, para o exterior, perde para

outros locais que passam por tudo isso que vocês veem em sala de aula, mas a gente perde para outros que vão investir nessa mente e esse povo, muitas vezes, a gente perde no Brasil. Mas o que me preocupa mais – e o dia que os gestores perceberem isso, nós vamos mudar de patamar – é o aluno que está na escola pública, que está passando por tudo isso sem estrutura para enfrentar tudo isso. Sabe para onde ele vai? Eu trabalho muito com a área da segurança, como a Fernanda falou, veio da área da segurança, e a minha preocupação não é com quem está na Disney, também com quem está na Disney, quem a gente está perdendo, mas eu estou preocupado com uma coisa: eu duvido, mas duvido, que quem comande as facções hoje no Estado, no País e no mundo, não tenha altas habilidades, superdotação. Eu duvido. Ninguém é tão fera como esses caras. Esses caras conseguem comandar o crime organizado de dentro de um presídio de segurança máxima, de uma modulada. E eles comandam. Esse cara, enquanto as autoridades acharem que tem que deixar de lado as altas habilidades, superdotação, nós vamos continuar passando por tudo isso. Eu tenho convicção disso. Converso bastante com a Lúcia, a Lúcia sempre me pergunta, a Lexandra também, a Larissa também, e me falam sempre assim: mas, presidente, não se fala sobre isso, talvez uma ou duas publicações no mundo, no mundo, fala sobre isso. Um dia a Lúcia me falou até qual é o autor de uma das publicações que fala sobre essa temática. Gente, em que planeta a gente está? Será que a gente está na Disney também, abraçado com o Mickey? Depois me conta, professor. Ver. Pedro Ruas, eu sei que vocês buscam e estudam tudo isso; nós, da área da segurança, a gente sabe isso, a gente sabe como funciona. Enquanto os gestores acharem que isso é uma brincadeira, que é só *bullying*, que é só um probleminha na sala de aula, nós vamos estar preparando novos, que vão assumir e que vão fazer a diferença no crime organizado, nas organizações. Eu não tenho dúvida disso. Eu tenho bastante contato, e a gente está no dia a dia, até da área da segurança, e eu gosto muito de ouvir aquela frase: “Temos que reduzir a maioria penal para 16 anos.” Beleza, temos que reduzir a maioria para quanto? Com 12 anos os caras estão sendo preparados para assumir o crime organizado. Com 12 anos, não é

com 16, não é com 14; ali eles já estão superpreparados. Quando eu vejo o pessoal ter que transferir um garoto de 12 anos, de Porto Alegre para a FASE de Pelotas, porque ele já está sendo jurado de morte, porque tem uma organização já dentro da FASE preparando esses jovens, eu não vou para a Disney; me desculpe o Mickey, eu não vou para a Disney. Eu tenho essa convicção, tenho convicção disso, não é nem achismo, é convicção, que preparado, sem ter o maior cuidado, sem ter acompanhamento, tu defines, ou tu vais para o bem, ou tu vais para o mal, e quem não tem acompanhamento, quem não tem estrutura, vai para onde? Para o mal, nunca para o bem. Para ir para o bem tu tens que ter estrutura. É estrutura familiar e a estrutura que vocês fazem na sala de aula – eu não sei nem como vocês conseguem manter tudo isso, gente. Eu tenho muito orgulho desse trabalho que vocês fazem, porque esse, sim, faz a diferença na nossa sociedade.

Desculpe, Ver. Alvoni, falei demais, como sempre, o Marquinho sempre fala demais, mas era importante a gente colocar essa linha, e eu quero ver essa publicação, profe. Aline, depois tu me mostras. Obrigada.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Obrigado, meu presidente, mas é exatamente isso mesmo, enquanto não houver esse olhar realmente para esses jovens, esses adolescentes que estão se destacando, nós vamos perder muito.

O Sr. Nelson está com a palavra.

SR. NELSON KHALIL: Boa tarde a todas e todos. Apenas como uma questão de acessibilidade, eu faço questão de falar fora do microfone, para caso haja alguma pessoa com deficiência visual possa me localizar; também para continuar com a questão de acessibilidade, fazer uma breve autodescrição: eu sou um homem branco, cadeirante, uso uma cadeira de rodas motorizada, estou vestindo um blusão vermelho com pontos pretos, um casaco preto, um óculos pendurado no pescoço e uma lupa, porque a minha visão também já está se deteriorando, mas aí também é mais por velhice do que qualquer outra coisa. Eu

quero cumprimentá-lo por esta pauta, presidente Alvoni Medina, apesar dessa cuia desagradabilíssima que o senhor carrega. (Risos.)

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Isso é ciúmes.

SR. NELSON KHALIL: Quero cumprimentar os demais vereadores aqui presentes, o meu amigo Pedro Ruas, o meu amigo Adeli Sell, a minha nova conhecida Abigail, a Fernanda Barth e o Cláudio Conceição. A Fernanda que está aqui representando a grande Lexandra, a Lúcia e os demais aqui presentes. Eu vou parar de citar nomes, além de citar o meu grande amigo Marquinho Lang, aqui da Faders, porque a minha memória já está para lá de Bagdá. A Fernanda falou uma coisa, que é a frase que eu mais gosto: Somos todos iguais e incrivelmente diferentes. Todos, e todos nós precisamos ter oportunidades iguais. Ontem eu estava conversando e estava dizendo que a lei da pessoa com deficiência precisava apenas de um parágrafo: Todos são iguais e têm que ter oportunidades iguais, de acordo com a sua... Só isso; nós temos um estatuto gigantesco, nós temos um enorme número de leis, e as pessoas continuam sendo discriminadas, como, por exemplo, o Guilherme, que foi citado aqui pela Fernanda, que tem problemas sérios; apesar de ter todas as qualidades, todas potencialidades que ele tem, ele tem problemas sérios, por causa de algumas questões de aceitação, de integração com a sociedade, coisa absolutamente que não passa pela cabeça da gente, como uma pessoa com tantas qualidades, com tantas chances de se desenvolver na vida, passe por tantos problemas, que a sociedade não identifique; por isso que a Faders, e agora o Coepede, o qual estou representando aqui também, está fazendo, está anexando a pauta da pessoa com deficiência à questão das altas habilidades, porque são questões semelhantes, como a minha deficiência física é diferente da deficiência física do Marquinhos, mas nós temos necessidades parecidas, semelhantes, nós temos que encontrar saídas para todas elas, para as pessoas com deficiência se integrarem à sociedade, para que elas não fique jogadas em casa, como muitos estão, como as pessoas com altas habilidades também, que seus potenciais

sejam plenamente aproveitados e não fiquem em casa, relegadas a um canto, porque, se elas saírem para rua, vão ser discriminadas por isto ou por aquilo, é por isso que nós temos que lutar, por esta integração. E nós temos tudo para fazer isso. E encontros como estes, promovidos... Aliás, eu quero ressaltar ao Ver. Alvoní Medina que nós estamos numa Casa Legislativa, que nós estamos num mandato em que nós não temos nenhuma pessoa com deficiência aqui na Câmara. O Ver. Alvoní Medina tem se destacado nessa defesa, presidindo a Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência, os vereadores Pedro Ruas, Adeli Sell, Fernanda Barth, Abigail, Cláudio Conceição também, estão colaborando bastante, mas o trabalho do Alvoní, nesta área, tem se destacado bastante. E nós precisamos colocar as nossas pautas na ordem do dia, como nós estávamos conversando agora há pouco, antes de começar, por exemplo, as questões das obras do Centro Histórico de Porto Alegre, e tantas outras, para as quais temos necessidades de ter o apoio institucional da Prefeitura e da Câmara de Vereadores – nós não estamos encontrando este apoio, mas precisamos fazer com que isto funcione. Então, para não me alongar muito, quero ouvir muito de vocês também, e vamos tocar esta pauta para frente, para que a gente tenha finalmente um Estado, um Município em que a gente não deixe ninguém para trás, não deixe ninguém abandonado. Obrigado.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): A Ver.^a Biga Pereira está com a palavra.

VEREADORA BIGA PEREIRA (PCdoB): Boa tarde a todos, todas, fico feliz de ver que esta Casa vem se mostrando sensível a esse tipo de tema; vejam bem, nós estamos aqui com a Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana, reunidos para debater esse tema que vocês nos trazem com tanta propriedade. Aqui em frente, nesta sala, está reunida a Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude – CECE, qual o tema? Autistas! Ambas as comissões... Aqui nós poderíamos resumir, sim, que nós precisamos respeito e igualdade de oportunidades – isso resume, não resume? Nós estivemos

juntos, quando fizemos a reunião dos Direitos Humanos lá no Centro, quando já abordávamos lá, não é Medina, a situação do chamado quadrilátero central, que hoje não proporciona a que as pessoas possam circular, um absurdo, mais de ano naquela situação. Isso dificulta a que você cadeirante tenha a dificuldade, mas dificulta que as mulheres com carrinho com suas crianças tenham dificuldade de andar, a pessoa com uma certa dificuldade que anda de muleta, tem dificuldade de andar, a pessoa com baixa visão tem dificuldade de andar, assim como o que vocês trazem – sou pedagoga, psicopedagoga de formação; então, nós sabemos que a humanidade tem inteligências múltiplas e que a gente precisa respeitar isso. Por vezes qualquer um de nós aqui pode ter habilidades mais para uma determinada situação, do que para outras, mas, por vezes, aquele que mostra alguma habilidade é o *nerd*, não é? E o *nerd*, e é cobrado por ser o *nerd*, é cobrado muitas vezes: “Não, tu não falas.” Quando tem uma pessoa mais falante ou que domina mais aquele determinado assunto, “Não, tu não falas, deixa que os outros falem”, o que acaba causando *bullying*, sim; então, eu acho que é um tema é sensível, e nós precisamos ganhar a sociedade para isso; porque o *bullying* acontece na escola, acontece no mercado, acontece na rua, acontece na nossa vida. Então nós precisamos, de verdade, desenvolver, seja no Agosto Laranja... A gente tem que fazer com que a sociedade se aproprie desse tema e da necessidade de respeitar, de respeitar aquilo que é diferente, simples assim, aquilo que é diferente. Hoje, na nossa sociedade, a pessoa negra é diferente, e, por isso, ela sofre discriminação, opressão, *bullying* também. A pessoa LGBTQIA+ sofre muito. As pessoas superdotadas sofrem, sofrem muito; assim como os autistas, como Down. Ou seja, o diferente incomoda, incomoda a ponto de não darmos as mesmas oportunidades e não tratarmos com o respeito que um ser humano merece. Então eu quero te cumprimentar, vereador. Esse panfleto é teu? É bonito, gostei, acho que precisa ser divulgado, porque está bem tranquilo, dizendo o que é mesmo, de uma forma bem coloquial, bem de fácil acesso, e o Pedro e a Mel precisam ser respeitados, precisam ser respeitados. Eu não vou poder ficar até o fim, porque eu preciso ir à reunião da CECE, porque a gente tem um debate muito intenso também com as crianças

autistas, que vai para além da falta do respeito e do próprio *bullying*. Ele está tendo uma situação muito difícil, que é o acesso à escola, a ter monitores nas escolas. E as mães das crianças autistas estão só, elas estão só.

SRA. FERNANDA LEÃO MOREIRA FARIAS: (Início do pronunciamento fora do microfone. Inaudível.) ...também autismo, e também, a maioria, são com autismo, que recebem o recurso do governo para... (Ininteligível.) ...judicial. Então a gente conseguiu uma pessoa, uma advogada, e ela consegue entrar com um processo para que essas crianças tenham direito aos atendimentos. Então eu faço isso quatro vezes na semana, e o que falta, realmente, é uma pessoa que acompanhe essas crianças, porque os atendimentos eles estão recebendo até, mas o fato é que falta uma pessoa que saiba lidar e saiba educar, porque não adianta a criança estar lá dentro.

VEREADORA BIGA PEREIRA (PCdoB): Eu vou pedir o teu contato depois, porque essa informação que tu trazes é de grande valia, porque a informação que nós temos, por exemplo, foi aqui instalado o Certa, só que a vaga, a espera por vaga está de 380 dias, ou seja, mais de ano.

SRA. FERNANDA LEÃO MOREIRA FARIAS: Para o atendimento?

VEREADORA BIGA PEREIRA (PCdoB): Para o atendimento.

SRA. FERNANDA LEÃO MOREIRA FARIAS: É que lá na clínica em que eu trabalho, a gente consegue, assim, mais ou menos, em dois meses. Só que a gente... O que a pessoa faz? Ela precisa de três orçamentos; com esses três orçamentos, a clínica consegue fazer um valor para que essas crianças consigam os atendimentos. Claro que a gente vai ter que ampliar os atendimentos, mas dizem que, no futuro, o governo vai ter que abrir um espaço específico, porque são muitas crianças, e está sendo muito caro para o governo fazer.

VEREADORA BIGA PEREIRA (PCdoB): Exatamente. Então é isso, as crianças têm dificuldade em ter acesso ao laudo. Só pode acessar, ter monitor na escola, só pode chamar monitor se a criança for laudada. Então, hoje, as crianças têm estes rótulos: tu és laudado ou tu não és laudado. Isso é horrível, isso é horrível, esse tratamento de crianças laudadas ou não laudadas.

SRA. FERNANDA LEÃO MOREIRA FARIAS: (Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADORA BIGA PEREIRA (PCdoB): É a mesma coisa, exatamente. Então isso eu acho horrível, acho falta de respeito para com essa situação. E considerando também que, no SUS, a gente está com dificuldade de psiquiatras, neurologistas, fonos – porque essas crianças, em geral, têm problema da fala –, então é uma situação mais ampla, Medina, e a gente precisa ter esse olhar para aquilo que é diferente, buscando sempre a igualdade e o respeito. Muito obrigada. Parabéns.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Obrigado, Abigail. A Sra. Lúcia Lamb está com a palavra.

SRA. LÚCIA LAMB: Primeiro, boa tarde. Quero agradecer pelo convite, em nome da Faders, embora o presidente já tenha falado, e a felicidade de estar aqui com representantes do povo, Vereadores. Hoje, quando eu divulguei o evento, eu passei para as pessoas, para todos que pudessem comparecer e disse: é ano de eleição, é agora o momento de conversar com os nossos possíveis candidatos e perguntar: ô, seu candidato, dona candidata, qual é a linha no seu programa que fala sobre acessibilidade e inclusão para todas as pessoas, independentemente da sua condição? Porque, se continuarmos assim, chegará um momento em que não se precisará falar mais em, eu sempre digo, escola inclusiva, se a escola não for inclusiva, ela não é uma escola. Muito bem,

então queria pontuar isso. E liberdade acima de tudo, liberdade para que as pessoas possam pensar, liberdade para que as pessoas possam escolher, liberdade para que as pessoas possam acessar o lugar que quiserem, quando quiserem, respeitando o espaço do outro. Vou trazer alguns números e pedir que na próxima vez que nós formos nos reunir aqui, que é excelente esse espaço, que cada um tente se comprometer a trazer outra pessoa junto. Eu mesma falhei em não antecipar para as pessoas: já vêm comigo; porque isso que nós estamos fazendo aqui é importantíssimo. É graças a isso que eu vou dizer um número para vocês, vocês vão tentar adivinhar: 1662, eu posso usar no masculino ou feminino, dependendo do ponto de vista. O que esse número diz para vocês? Que pode ser, pessoas identificadas no Rio Grande do Sul? Não. Outra chance? Desistem? Mil, seiscentas e sessenta e duas pessoas inscritas para o curso da Faders que começou agora no dia 16. O que quer dizer isso? É a política funcionando, certo? Ah, mas essas 1662, nem todas ficarão... Não importa, se inscreveram, pararam alguns segundos da sua vida para se inscrever. O que elas querem? Estudar. E eu tenho frisado na divulgação: as inscrições são gratuitas? Não, tu já pagaste com os teus impostos. Elas não são gratuitas, tu estás pagando quando vai comprar qualquer coisa ali no mercado, quando vai comprar cachorro-quente ali na esquina, está pagando imposto, tá? Então, muito importante, isso é política, é trabalhar a política com todos. Esse é o dado. E o mais interessante: vocês já ouviram falar do município de Grajaú? Não? Grajaú fica no Maranhão... Mas nós estamos falando de Porto Alegre, o que tem a ver Grajaú, no Maranhão? Nós temos uma pessoa inscrita para esse curso, do Maranhão; nós temos da Bahia, nós temos do Tocantins e outros estados. Mérito de quem? Todos nós e da Faders, novamente. Trabalho nosso, e isso não queria deixar de trazer, em nome do presidente e de todas minhas colegas de lá, quando falo todas colegas são todas as pessoas, independentemente de gênero. E para citar, não me estender, gostaria de trazer para vocês também essa importância das presenças aqui hoje e me colocar à disposição para perguntas, porque vocês vão aprender muito aqui também com a Aline e com a Renata que fazem o trabalho, que deveria ser feito em todos os

municípios do Rio Grande do Sul e do País. Toda escola deveria ter uma sala, várias salas, toda escola deveria ser inclusiva, tá? Mais um dado aqui sobre *bullying*. Hoje estava conversando com a nossa presidente da Associação Gaúcha de Apoio às Altas Habilidades e Superdotação e fiz uma breve retomada. Vocês sabem o que aconteceu em 1938? Foi a primeira vez que se falou em altas habilidades neste País. De 38 para cá, aí vocês podem pensar: será que evoluiu alguma coisa, ou... Só para pensar. Em 1967 – olha, recém eu estava fazendo um ano de idade aqui –, o MEC se preocupou em falar e escrever sobre avaliação e identificação de atendimento de altas habilidades; e em 2003, criação do Conbrasd; a Agadim, a minha colega que, brilhantemente falou, Fernanda, sobre Agadim, da qual sou vice-presidente metropolitana. E, para concluir, a questão do *bullying* que é péssimo, hoje também estava pesquisando sobre isso, para não me estender, por que o *bullying* tem nos preocupado tanto? Primeiro, é porque a palavra já foi vulgarizada, isso é péssimo para nós. Quando a gente começa a falar *bullying* daí já vem o pessoal, popular, e diz: “ah, já vem vocês com essa história de *bullying*, quando eu era criança, lá no colégio, todo mundo tinha apelido, e está todo mundo bem.” Todo mundo bem? A sociedade doente, as pessoas se agredindo, e, “ah, não fiquei com nenhuma sequela, não, eu era chamado de anão, eu era chamado de gordo, eu era chamado de gorda, eu era chamado de todos esses apelidos que colocam, e está tudo bem aqui.” Todo medicado, todo cheio de problemas, mas diz que está tudo bem. Então *bullying* é péssimo, *bullying* é ruim, *bullying* é crime, viu *bullying* chama a pessoa e diz: ô, seu fulano, para de fazer isso. No colégio, nas escolas, mais limite, fazer o que a gente faz – eu com 40 anos de educação e sendo professora –, via lá, Joaquim, para de fazer isso”. “Ah, por quê? Todo mundo faz...” Não. Está errado. Não importa. Aquilo que está errado, se todos estão fazendo, continua sendo errado. Então, trabalhar mais a questão de desconstruir esse conceito de que *bullying* e reclamar de *bullying* é mimimi, porque vai chegar o Setembro Amarelo e aí vocês vão se assustar mais ainda com o índice de crianças, em idade bem precoce, que procura, lá no Google, formas menos doloridas de se matar. Uma criança procurando isso no Google é um horror. É com isso, por isso que nós

temos que nos trabalhar bastante, nós, professores, porque não chegam para nós, no meu consultório privado, lá na Faders, a família não nos liga para dizer: “Ó, dona Lúcia, já liguei para dizer que a minha filha, superdotada, ela está tão bem atendida na escola, não sofre *bullying*, ela é um amor, vai ser uma grande engenheira, vai ser astronauta...” Não. Só nos ligam para dizer de todo o sofrimento dos seus filhos. Então, *bullying* é errado, não é mimimi, e quem quiser se agregar a nós e construir formas mais efetivas e objetivas, juntem-se.

A outra questão também, já pensando no que a vereadora falou sobre a questão do autismo, toda vez que vocês puderem falar com pessoas que têm crianças em casa; até os quatro anos no mínimo, por favor, deixem as crianças longe das telas. Queria terminar com isso. Obrigada e boa tarde. (Palmas.)

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): É verdade.

SR. NELSON KHALIL: Deixa-me fazer só uma intervenção, para lembrar, porque a Lúcia falou uma coisa que me lembrou, e que eu me esqueci de falar uma coisa. Nós estamos em ano eleitoral, teremos uma nova administração no ano que vem, e uma coisa fundamental para nós, que é a nossa pauta principal hoje – não é, Marquinhos? –, a gente conversou muito sobre isso. Nós precisamos ter de novo a secretaria da pessoa com deficiência em Porto Alegre; é um absurdo que a gente tenha destruído ela e, além do que, diminuído de diretoria para depois e agora para coordenação. Nós precisamos, e precisamos contar com o apoio desta Casa Legislativa para termos a secretaria municipal dos direitos da pessoa com deficiência em Porto Alegre.

(Manifestações fora do microfone. Inaudíveis.)

SR. NELSON KHALIL: A secretaria é a que vai mais demandar, indicar caminhos, e vai, mais do que qualquer coisa, e o que eu acho mais importante de tudo, é sinalizar novamente que Porto Alegre se preocupa com esta fatia de

um quarto da população de Porto Alegre, e, realmente, o orçamento é importante, mas não é o mais importante na nossa secretaria.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Vou aproveitar a fala também do Sr. Nelson. Nós vemos a importância de termos, também na cidade de Porto Alegre, uma secretaria que cuida do direito às pessoas idosas, que são os que mais crescem no País, as pessoas estão envelhecendo, e não temos essa preocupação de termos políticas 100% voltadas para a população 60 ou mais. Eu até concordo com a Fernanda que se cria, muitas vezes, secretarias para colocar, para fazer de cabide de emprego, mas é fundamental a criação para que se possa realmente cuidar dessa população que está envelhecendo e que precisa realmente termos pessoas comprometidas com essa população que, infelizmente, às vezes, são muito mal assistidas dentro da nossa cidade e do nosso Estado. Nós temos, para ter uma ideia, no Estado do Rio Grande do Sul, 2,3 milhões pessoas com 60 anos ou mais. Nós precisamos ter esse cuidado, esse olhar para todas as demais áreas na nossa sociedade. A Sra. Aline está com a palavra, por gentileza, à vontade.

SRA. ALINE RUSSO DA SILVA: Boa tarde. Sou a professora Aline Russo do município de Porto Alegre, vou fazer a minha audiodescrição. (Procede à autodescrição.) Venho aqui então conversar um pouquinho sobre o que a gente vem fazendo no município de Porto Alegre, nas nossas escolas municipais, junto com a profe. Renata. Nós até preparamos uma apresentação, mas a gente estava conversando aqui se a gente faz ou não faz, porque a gente pode trazer também um pouco dos dados, na verdade é o que a gente trouxe, um pouco dos dados, a gente vai passar depois um vídeo no final então.

Nós viemos da ponta, do chão da escola, como a gente diz, onde a gente faz o processo de identificação e de atendimento, que é o AEE – Atendimento Educacional Especializado, que é uma garantia legal para a pessoa com deficiências, transtornos, altas habilidades e superdotação. Então, esse é o nosso trabalho de ponta, enquanto professoras, e nós viemos trazer para vocês

então alguns dados. Atualmente, nós temos então 63 estudantes identificados na nossa rede municipal com altas habilidades e superdotação, alguns com dupla condição, mas a gente vai falar aqui da questão das altas habilidades. Esses nossos estudantes são um número que vai variando, porque a gente tem outros tantos em processo de identificação e vão se modificando esses números. Este ano também muitos se formam, então, saem da nossa rede, mas enfim, atualmente, são 63 estudantes. A gente tem lista de espera para identificação e para atendimento para essa identificação. Então, o que acontece? Atualmente, nós somos quatro professoras – eu, a professora Renata, a professora Carolina com 40 horas e uma professora com 20 horas – para fazer esse processo todo de identificação, para ir às escolas fomentar em termos de formação de professores, e a gente sabe que isso não basta. Até então uma das professoras foi uma conquista que a gente veio batalhando junto com vereador, com secretário, para que a gente tivesse a ampliação desse serviço, porque nós precisamos atender, identificar para dar suporte para tudo isso que as meninas falaram, que o Marquinhos também falou, para tentar conduzir esses estudantes a experiências favoráveis, para estar dando suporte a esses estudantes. Então a gente tem esse serviço que precisa ser mais ampliado na nossa rede municipal. Isso é um fato e isso é político também né. A gente tem 37 estudantes em avaliação atualmente, então, a gente tem 63 identificados e 37 nesse processo de avaliação. E muitas famílias, como a gente atende em polos, não conseguem ir até esse serviço que é um polo para realizar essa avaliação do seu filho, para realizar o atendimento do seu filho. Então a gente perde muitos estudantes, porque temos quatro escolas de lotação, e a família tem que nos acessar nessa escola.

Como eu falei para vocês, as altas habilidades são um direito que está na legislação, então, precisamos dar conta disso enquanto Município, enquanto Estado. Eu vou falar aqui do Município, a gente vem dando conta disso, mas sempre estamos nessa luta por aumentar esses nossos números, aumentar o número de crianças que se consegue dar esse suporte e esse apoio, fazer o

enriquecimento, fazer o que é o nosso trabalho. Vou passar para a professora Renata compartilhar um pouco também.

SRA. RENATA VANIN DA LUZ: Boa tarde a todos e todas. Eu vou também fazer minha audiodescrição: eu sou uma pessoa de pele clara, cabelo castanho escuro na altura passando dos ombros. Estou vestindo uma blusa laranja e um colete preto. Os meus olhos são castanhos também e eu uso um crachá da Prefeitura de Porto Alegre.

Como a Aline falou, eu atuo juntamente com ela e com outras colegas, cada uma de nós em uma escola. Eu trabalho na Escola Liberato, que foi atingida pela enchente, e na minha sala de recursos a água subiu, perdemos muitos materiais. É uma situação que está muito difícil. Eu agora estou alugando a sala da Aline, como eu digo, a gente está dividindo, porque já existe esse polo na Escola Jean Piaget. E todas as vezes que eu me aproximo novamente, de tempos em tempos, eu volto para a Escola Liberato, que está funcionando em prédios na comunidade, então, toda vez que eu me aproximo dessa realidade dos alunos que eu atendo, eu entendo as dificuldades que eles estão passando e que é uma privação de direito. É algo muito doloroso de a gente ver, já se passaram mais de cem dias da enchente, eu não vim aqui para falar da enchente, mas eu estou falando da enchente, porque é a realidade dos nossos alunos.

Eu estou atuando temporariamente na Escola Jean Piaget e na Escola Afonso Guerreiro, porque a escola que eu sou lotada atende a região leste e norte, e há uma grande necessidade na região leste desse atendimento. Eu estou indo uma vez na semana lá, e essas famílias não faltam aos atendimentos. São escolas que têm lista de espera, que a gente tem uma grande necessidade de profissional de maior carga horária para atendimento, para avaliação e atendimento. Então, é algo que lutamos sempre para que tire da invisibilidade, mas a gente precisa do profissional lá na ponta que consiga trabalhar, precisamos do professor capacitado para trabalhar com esse estudante, para poder o orientar essas famílias, orientar os demais professores do ensino regular. O nosso objetivo aqui hoje é trazer, já que estávamos com um número

de vereadores e um público que... Concordo com a Lúcia, acho que a gente tinha que ter ampliado mais o convite, para justamente poder entender um pouco do que acontece no pequenininho, no miudinho das nossas necessidades. Então, é impossível falar dessa temática sem dizer um pouquinho, sem caracterizar um pouquinho o que acontece. São pessoas que necessitam, são estudantes que necessitam mais do que o ensino regular pode oferecer, porque eles transcendem o currículo ofertado. A escola comum é pensada para estudantes que tenham um nível de desenvolvimento dentro do esperado ou para quem tem alguma dificuldade, mas não para quem está além. Justamente com esse estereótipo, com essa ideia errônea de que o superdotado não precisa de auxílio para aprender, porque eles aprendem sozinhos, e, na verdade, isso é equivocado, porque se eles aprenderem sozinhos, eles vão parar lá nas facções, porque eles vão se sentir sozinhos. E quem vai acolher? Estão negadas oportunidades de acordo com as habilidades e conhecimentos que esses estudantes estão tendo, porque se pensa sempre na questão ano/série, na idade daquele estudante, não se pensa na habilidade escolar acadêmica, nas aquisições e competências. Apresentam esses comportamentos diferenciados sendo incompreendidos, porque daí são vistos como os *nerds*, como o sabe-tudo ou muitas vezes deixam ele quietinho e isolado ou, então, quando são do tipo produtivo-criativo, falam coisas tão incomuns que dizem que ele está fora, totalmente fora. E depois foram aqueles totalmente fora que mudaram a humanidade, daí se tornam gênios agora no nosso período histórico e não no período em que viveram. Então é muito importante a gente falar das legislações que existem e justamente a gente se segurar nelas, se agarrar nelas para gerar esse tipo de momento, para a gente poder estar discutindo esse tipo de pormenor que fica só lá na nossa sala de aula. Então a gente tem muitas leis, pareceres federais, notas técnicas que nos ajudam muito no nosso dia a dia pela luta dos direitos das pessoas com altas habilidades. Nós temos aqui as nossas duas legislações municipais que estão bem descritas no folder, que é de autoria do Alvoní Medina, e que nos trazem toda essa visibilidade. A gente conversa que não é só dar uma cor para um mês e sair falando, gente, isso é uma marca, isso

é poder trazer inclusive a ludicidade para poder falar de um assunto tão sério, e tão coerente é o momento em que a gente está vivendo. Então é através disso, sim, de uma cor, de um nome que a gente consegue acionar as pessoas, através de uma mascote a gente consegue fazer com que os estudantes se identifiquem, se vejam no que a gente está falando. A Aline falou um pouco dos números, e a gente trouxe um pouco da questão dos polos, da importância desse atendimento. O nosso atendimento é educacional, e é muito importante que a gente coloque que o nosso atendimento se estabelece tanto de uma forma individual como coletiva, e eles precisam muito desse contato entre os pares. Às vezes, a gente consegue juntar um estudante que tem uma área de destaque, de interesse, porque tem poucos estudantes na nossa escola ali de núcleo, mas tem um estudante numa outra escola, e quando eles se encontram, gente, é como se fosse o amor da vida deles, porque é uma amizade que acontece instantaneamente.

SRA. ALINE RUSSO DA SILVA: E a gente está falando aqui de saúde mental do superdotado no sentido de que ele, encontrando o seu par, estará não sofrendo *bullying*, tendo um apoio psicológico ou tendo alguém para fazer essa troca.

SRA. RENATA VANIN DA LUZ: Lembrando que nós não somos psicólogas, mas a escola, muitas vezes, é o lugar mais saudável que os alunos podem estar, ela precisa ser um lugar saudável. Então esses encontros tornam a escola um espaço terapêutico de realmente encontros de aprendizagem, de produtividade, de criatividade, de inventividade. A questão do AEE, especificamente, a gente pode definir o que é o AEE? É o Atendimento Educacional Especializado que acontece então nas salas de recursos, e esse atendimento acontece na sala de recursos comum para estudantes com TEA, deficiências. Nós temos algumas outras modalidades de sala de recursos aqui em Porto Alegre, nós temos a modalidade da SIR Visual, nós temos o PTE, que é preparação para o mercado de trabalho, nós temos a modalidade surdos que daí é da escola bilíngue

Salomão, nós temos a EPPI, que é estimulação precoce e psicopedagogia inicial e nós temos a nossa modalidade de SIR, a SIR EJA, que é para jovens e adultos, e nós temos a nossa modalidade de SIR, que é a SIR Altas Habilidades. Então dentro desse nosso escopo de trabalho, nós recebemos os estudantes encaminhados dos professores para fazer a avaliação e ofertar o atendimento. Muitas vezes, são poucas, mas agora a gente tem, justamente através do Agosto Laranja, através das políticas públicas, recebido estudantes já avaliados, por ter as escolas polos também como uma referência para as altas habilidades. Então as famílias procuram as escolas já sabendo que aqui tem um polo de atendimento para altas habilidades. Gente, não é uma escola para superdotados, é uma escola com um polo de atendimento. Não existe escola para superdotados, e a gente não quer uma escola para superdotados, a gente quer uma escola inclusiva para todos. Então juntando com essa caracterização do nosso trabalho, a gente consegue pensar e cada vez mais a gente precisa. Eu e a professora Aline, a gente se esgota nos nossos atendimentos, a gente precisa de parcerias, a gente precisaria de carga horária de professores de ciências, história, matemática, filosofia que pudessem ter uma carga horária destinada para também atender a esses alunos, que a gente pudesse fazer um clube de história, um clube de geografia, um clube de iniciação científica, de tudo, mas a gente não consegue dar conta de todas essas áreas, porque nós não temos habilitação técnica, conhecimento técnico para isso. Nós não somos o Google, eu e a Aline somos professoras que entendemos de pessoas com altas habilidades, mas a gente não tem a competência técnica para determinados assuntos, então a gente se esgota. A gente precisa ampliar essa nossa rede de apoio, por isso pensar em núcleo, no NAAHS, numa parceria com o Estado e a Prefeitura, isso é lei, isso existe. Já há inúmeros NAAHS no Brasil inteiro, e aqui a gente precisa avançar um pouco mais com relação a isso. A Aline vai falar agora.

SRA. ALINE RUSSO DA SILVA: Não, eu ia jogar essa no teu colo, Marquinhos, que tu estás na Faders! Então, assim, o NAAHS a gente joga no teu colo para...

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Pensei também nisso, ainda bem que tu falaste.

SRA. ALINE RUSSO DA SILVA: É, a gente joga para quem tem essa possibilidade.

A minha última participação então aqui. A gente trouxe um vídeo, e daí remete ao que todos vocês da Mesa trouxeram, que diz que, na inclusão, não existe receita, existe o olhar para cada um em suas potências e dificuldades. Ambiente e condições emocionais devem sempre ser levados em consideração. O nosso trabalho, ele diz muito sobre de que forma a gente quer esse ambiente da escola, como é que a gente vem trabalhando, o que é esse trabalho, em Porto Alegre, da Sala de Integração e Recursos, no nosso caso, para altas habilidades, superdotação. A gente, enquanto equipe, luta pela inclusão, porque a gente está aqui falando sobre altas habilidades. A gente nem citou o caso da dupla condição, porque a gente tem vários estudantes cegos com altas habilidades, eu tenho uma estudante cega com altas habilidades, a gente tem estudante com deficiência física e altas habilidades. Então, a gente luta hoje aqui e sempre – não é, Renata, Fernanda, Lúcia? – pela inclusão, para que essa equidade de oportunidades aconteça. Hoje, é claro, o nosso olhar está mais focado para a questão das altas habilidades.

SRA. RENATA VANIN DA LUZ: Eu queria só colocar aqui, porque, justamente, a gente vem para falar do que a gente faz, mas a gente vem com expectativas e perspectivas para lançar para o grupo, para todos. A gente falou aqui na questão – a Renata Pardal está aí também, nossa colega, para fazer o registro da presença dela, ela é assessora da educação especial da SMED – das nossas expectativas também com relação à nossa mantenedora. A gente tem aí uma expectativa de uma abertura oficial do polo na Afonso Guerreiro, que daí marcaria esse atendimento na região leste. Eu estou indo apenas uma vez na semana lá, mas a gente precisa dum professor, dum professora que atenda

nessa região, na Afonso Guerreiro. A gente também gostaria muito dessa ampliação da professora Ana Paula Taday, que é a professora que está atendendo no polo da EMEF Porto Novo, e ela poderia atender às escolas integralizadas, porque a escola integralizada tem um currículo totalmente diferenciado, e nós não conseguiríamos tirar os estudantes, dentro da sua carga horária de aula, para fazer o atendimento. Esse atendimento precisaria acontecer nessa unidade escolar, nessa escola, não precisaria sair da escola para ter o atendimento. É uma especificidade. A gente também precisa dum polo na Zona Sul, que também fica dividido com o polo da região oeste ali, que ocorre na EMEM Emílio Meyer.

A gente já falou do núcleo, já estão me dando até mais água, porque eu estou falando demais, é isso, e eu gostaria de colocar um fogo no parquinho. Os estudantes que têm uma deficiência, eles têm um CID e eles têm o passe livre; os estudantes com altas habilidades, eles não têm CID, eles nunca vão ter e eles não vão ter o passe livre. Aí a gente tem que pensar em alguma coisa, porque eles não acessam os serviços, eles não acessam as oportunidades que, muitas vezes, são dadas para eles. Muitas mães nos ligam domingo, eu atendo numa segunda-feira lá na Lomba do Pinheiro, e aí elas me ligam no domingo: “Eu não tenho passagem para ir”. Às vezes, elas me ligam e dizem: “Eu tenho passagem para ir, tu tens passagem para me dar para a volta?” Daí, às vezes, tem uma ou outra, mas a gente não está tendo isso. E isso não é uma situação só nossa, isso é uma situação para a gente pensar que ela é coletiva, e que eles não vão ter um CID, mas a gente vai ter que pensar alguma outra coisa. É algo assim que é uma perspectiva futura aí, se a gente conseguisse pensar em um jeito deles terem algum tipo de auxílio, de uma garantia de auxílio para esse transporte.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. RENATA VANIN DA LUZ: A Fernanda vai falar.

SRA. FERNANDA LEÃO MOREIRA FARIAS: Gente, eu nasci na comunidade no Morro da Cruz. Uma criança com características de superdotação. O que é que mudou a minha vida? Os projetos que as escolas dão, os projetos sociais, uma escola inclusiva, uma escola que tem pessoas que têm conhecimento. Uma prima minha saía lá do Morro da Cruz para estudar na escola Inácio Montanha, ela ia a pé para estudar, para terminar o ensino médio. O filho dela é superdotado na área musical e em tecnologia, ela hoje terminou a faculdade, uma superdotada. O que me doeu quando ela falou sobre o passe livre? Minha prima fez o ensino médio, três anos, indo a pé para escola, porque não tinha passagem! Imagina, numa família superdotada, uma criança que tem direito de acesso à música lá no IPDAE, na Lomba do Pinheiro, parada trinta e poucos; ela não tem passagem para ir lá, por mais que ela tenha o acesso gratuito, ela não continua, porque não é fácil. A minha sorte é que o meu pai trabalhou na CRT, minha mãe me dava passagem para ir para a escola no ensino médio, senão eu não ia fazer o ensino médio, não existe escola de ensino médio no Morro da Cruz. Lá tem o colégio... (Ininteligível.) ...de Lima, que a gente pretende, quer que faça um projeto de ensino médio lá, ninguém termina o ensino médio no Morro da Cruz – a maioria –, porque não tem escola próxima. Como uma pessoa superdotada vai ter acesso se não tem nada próximo, se a família não tem condições de fazer? Eu vivi a realidade, hoje estou no mestrado, estudei muito, estudo muito, tenho muitas pós-graduações, sempre fui uma criança, uma pessoa que gostou de estudar, mas era uma característica minha. As drogas estavam na minha porta, meu irmão foi usuário de droga, a droga estava dentro do meu do meu pátio e eu escolhi por não fazer isso. Eu poderia ter escolhido e eu nunca escolhi, porque eu sabia o que eu queria para mim, então eu coloquei no meu caminho o que eu desejava, eu sonhava em ser escritora, eu tinha muitos sonhos e comecei segui-los, fui trabalhar numa biblioteca, todos os meus sonhos foram perseguidos, porque eu fui insistente, fui resiliente. Eu passei por muitas coisas, e muitos não iriam aonde eu fui, por tudo que eu passei, não é fácil mesmo. Por que eu falo em inclusão e por que eu estudo sobre tudo na inclusão? Porque se existe uma pessoa com necessidade, ela precisa ser atendida, e às

vezes tem discurso: “Ah, mas...” Não! É uma pessoa! No momento em que existe uma necessidade, ela tem que ser sanada, e é isso que a gente tem que fazer, isso que vocês fazem aqui. E me desculpem por estar falando de novo, mas isso para mim é muito importante, acho que eu nunca falei, mas muito obrigada por este momento de fala e me coloco à disposição para colocar essas ideias e esse olhar que nós temos de vida, de estar ali dentro dos ambientes, vendo as coisas que estão acontecendo. Muito obrigada.

A gente só tem mais um vídeo.

VEREADOR ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Deixa eu o meu vice falar, e vocês colocam. Nós temos que pensar exatamente essa situação, e a comissão existe para isso: para a gente buscar alternativas, para gente lutar por esses direitos, ver por onde a gente pode construir esses direitos e que essas pessoas possam ter a oportunidade de ir para as escolas sem precisar ir a pé.

VEREADOR ADELI SELL (PT): É possível disponibilizar esse material depois?

SRA. RENATA VANIN DA LUZ: Sim.

VEREADOR ADELI SELL (PT): Respeitosamente, eu quero dizer que a gente precisa, antes de tudo, escutar, e eu escutei com atenção, porque eu acho que nós estamos diante de um grande problema, às vezes as coisas parecem simples, mas nada é simples. Criar secretarias, como aqui foi colocado, é uma demanda justíssima. Agora eu pergunto o seguinte: secretaria sem verba, secretaria sem capital humano? Nós precisamos de pessoas. Eu fui numa escola-polo, no Passo das Pedras, havia dois cegos – não com deficiência –, a Presidente Vargas, e não tem piso tátil, você tem que caminhar numa calçada que não tem nada. Vou devagar, eu já fui na SMED, discuti, fui bem atendido, mas agora é o seguinte: nós temos que ter políticas efetivas. Como nós não temos passe ainda? Tânia, que está aqui e que acompanha pelo meu gabinete: nós vamos fazer com o Alvoni e com a Fernanda Barth, os três que ficaram aqui,

um projeto. Ela é craque em escrever, o pessoal tem boas assessorias, inclusive. Pode gravar, nós vamos fazer, vamos fazer!

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Está sendo gravada toda a reunião.

VEREADOR ADELI SELL (PT): Nós vamos fazer, os três, se concordarem, porque nós temos que ter soluções, e soluções reais.

Os conflitos que existem nas escolas, o *bullying* é terrível; agora, nós temos uma lei aprovada aqui em novembro, quando eu voltei, por unanimidade, meus colegas aqui me deram esse voto, uma lei de mediação dos conflitos nas escolas. Eu encaminhei para o antigo secretário, aí ele saiu, entrou o novo e não conhecia. Eu tive que ir lá, explicar tudo de novo, porque a Prefeitura fez uma capacitação para 70 mediadores, funcionários públicos, e nós temos conflitos em algumas escolas. Eu acompanhei, uma vez acho que foi no SAT, antes de ter a Escola Porto Novo, acompanhei, eu acho que foi na Escola Grande Oriente, um caos, um caos! Uma guerra, parecia Ucrânia e Rússia! Tem que ter mediação do conflito, porque dentro da escola está contaminado de fora para dentro, Marquinhos. Essa questão é importante, então esse debate que nós estamos fazendo aqui é muito importante. Eu queria sinalizar que vocês têm que ser demandantes, como foram hoje aqui, abrir a boca, mas sempre, permanentemente, sempre. Esta comissão foi uma dádiva, que eu tive que abrir mão da comissão que eu estava, a CUTHAB, para outro colega assumir e vim para cá. Virei vice-presidente deste sujeito maravilhoso aqui, então, acho que nós estamos num momento de abrir o coração e a mente e olhar menos para a forma e mais para os conteúdos. E brigar por recurso, gente. Os recursos estão sempre dispersos nesta cidade, nesta cidade é impressionante. Nós temos impostos nesta cidade, nós cobramos IPTU para caramba! Esta cidade recolhe ISS como poucas cidades no Brasil, e nós temos um orçamento mal gasto. Nós

vamos essa discussão agora na LDO e depois na Lei Orçamentária, e vocês podem vir cobrar e nos cobrar. Agora, juntos, nós vamos fazer uma moderna legislação para essa situação. Presidente, terá o vídeo, mas eu queria falar antes, talvez alguém tivesse que sair. (Palmas.)

SRA. RENATA VANIN DA LUZ: O vídeo é bem simples, gente, é um estudante que não é da nossa rede, mas foi... Porque também os estudantes da nossa rede muitas vezes se melindram ainda em se colocar, então, a gente pegou um vídeo já publicizado que é realmente a fala de um estudante sobre essa condição.

(Procede-se à apresentação.)

VEREADORA FERNANDA BARTH (PL): Conheço a Lúcia há algum tempo e o trabalho brilhante que a Faders vem fazendo. Inclusive faz pouco tempo que eu encaminhei a minha cunhada para fazer contato, porque o meu sobrinho também tem altas habilidades, mas eu quero fazer aqui um desabafo pessoal. Quando eu era criança, não existia muito cuidado com isso. Então fui uma criança que nunca foi diagnosticada, mas sempre tive essa dificuldade de ficar presa a uma determinada série, Como eu me criei até os oito, nove anos de idade nos Estados Unidos, lá o ensino é uma coisa muito mais integrada, e eu fiz a segunda e a terceira série juntas, fui alfabetizada em inglês, quando eu voltei para o Brasil, me obrigaram a voltar para a segunda série. Eu sentia absoluto tédio em sala de aula, tudo era extremamente chato, eu já fazia operações variadas de matemática, já tinha tido prêmios em redação e eu involuí. Perdi o interesse pela escola e comecei a ir mal e tal. E o meu filho tinha a mesma questão, o meu filho, com cinco anos de idade, queria brincar na escola de fazer documentário sobre cadeia alimentar em que o tubarão comia o peixe, o peixe comia o plâncton, e os colegas olhavam para ele e diziam assim: “Mas o que que tu és, um alienígena aqui na sala de aula?” Ficava isolado e ele sempre foi assim, ele queria falar sobre o buraco negro, sobre galáxias, na primeira série, segunda série, ele já tinha lido todos os livros que vocês possam imaginar – Robinson Crusoe, Alice

no País da Maravilhas. Com menos de nove anos, já tinha lido toda literatura clássica para criança, e ele sempre teve essa dificuldade de entrosamento e relacionamento em sala de aula; infelizmente as nossas escolas privilegiam e favorecem a mediocridade. Ele sempre teve que ter o apoio especial, e eu encontrei isso muito mais na rede pública do que na rede privada, das salas de apoio, quando ele era retirado da sala da aula, quando ele se desorganizava e aí ele era levado para uma sala onde ele tinha acesso a computador, tinha uma professora que tinha uma atenção mais focada. E ele acabava fazendo amizade com os autistas, ele tinha uma paciência incrível com qualquer tipo de diferença, dificuldade, porque ele era uma criança que sempre fora muito empática, extremamente empática. Acho que isso é uma característica, e ele sentia essa questão do sofrimento dos outros. Então sou superempática a vocês, eu estou quase chorando aqui, porque quem passa por isso, quem tem um filho nessa condição sabe o que a gente enfrenta e como é difícil de a gente falar sobre essa condição, porque a maioria das pessoas acham até graça. “O que tu estás reclamando? O teu filho está acima da média.” Mas essa questão de estar acima da média sem ter uma escola que entenda isso e que dê as características... Que o nosso estudo, ele está infelizmente muito atrasado nesse nível, muito. A gente tinha que ter uma liberdade dentro da sala de aula, onde os alunos que completam aquilo que foi dado tenham ali um cantinho onde ele podem buscar novos conhecimentos, ouvir música, ou poder adiantar o estudo dentro daquela série, não é? Porque tu manteres uma criança que não tem limite mental em termos do que ela pode aprender dentro daquela coisa claustrofóbica, que é a caixinha da sala de aula, é terrível, os nossos filhos ficam sem nenhum amor para ir à escola. Até a 6ª, 7ª séries, o meu filho considerava uma perda de tempo ir à escola, ele dizia: “Vou lá para a escola para fazer o que, mãe? Não tem nada que eu vá aprender lá”. Essa é uma situação que a gente precisa enfrentar, gente, contém comigo para tudo, está? (Palmas.)

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Pensei que a Fernanda não chorava, mas realmente quando a gente fica ouvindo, não é, pessoal? O

Marquinho, seu Nelson, Adeli e todos os demais. Fernanda, a gente vê que o quanto o ser humano precisa evoluir e aprender, e entender o seu semelhante e olhar para o seu próximo e fazer de tudo para que aquela pessoa possa ser feliz dentro daquilo que ela sabe fazer. Esses dias, eu estava assistindo uma reportagem na TV, um programa, um garotinho de três anos de idade falou que tinha depressão, porque ele tinha altas habilidade e, às vezes, tinha coisa que ele não conseguia fazer, enquanto ele não fizesse, ele não tinha sossego. E a gente vê a importância do trabalho que vocês fazem, Renata, Aline, Fernandinha – eu falo Fernandinha porque é carinhoso, está, Fernanda? E a filhinha dela já está quase do tamanho dela, falta pouca coisa para passar. E a nossa Lúcia, eu falo que ela é nossa chefe, não é? Então vemos que precisamos desses momentos para que nós possamos passar, Marquinho, seu Nelson e Biga, que nós precisamos fazer com que esse trabalho cresça, que os nossos governantes entendam que eles não estão ali simplesmente por estar, eles foram colocados pela população para cuidar das pessoas, cuidar, sim, da cidade, do que a cidade precisa, mas de ter esse olhar humano, de ter pessoas, Marquinho, ao seu lado. Como a Fernanda falou: “O meu filho já sabia tanta coisa” – e ficar aquela criança confinada a uma coisa que ela já sabe fazer, que poderiam aproveitar esse aluno, a inteligência, a sabedoria, o conhecimento para tantas coisas boas. E aí tiraríamos esses jovens adolescentes do mundo da marginalidade, do mundo crime, da depressão. Quando eu abri a Frente Parlamentar em Defesa dos Direito das Pessoas com Altas Habilidades/Superdotação, quando a Lexandra me trouxe a situação do Guilherme, e quando nós fizemos a primeira abertura do lançamento da frente parlamentar, no Brasil, que não tinha em lugar nenhum essa frente parlamentar, e quando o Guilherme deu o seu testemunho, falou ali, e não tem como você não chorar, eu, como pai, como um ser humano, de você ver uma criança, um adolescente que queria entrar na sala de aula e matar os professores, os alunos, porque ele não era compreendido, passou por mais de 10 escolas, porque lá eles não o compreendiam. Então o que a gente precisa é ter mais administrador da cidade. Quando eu faço aqui um projeto de lei – perdoem-me, meus nobres amigos, de eu estar desabafando – eu não faço

projeto de lei para o Alvoní Medina, não, eu tenho que chamar o seu Nelson, eu tenho que chamar o Marquinho Lang, a Lúcia, a Fernanda, a Aline, a Renata, para construirmos juntos. Para que aquele projeto de lei vai servir? Aonde esse projeto de lei vai ser útil? Vai servir para as pessoas, ou é apenas para fazer um projeto de lei para dizer que o vereador fez um projeto de lei? Para quê? Para nada? Para não ser útil? Tem que ser para ajudar as pessoas, não é, Fernanda? Tem que ser para que as pessoas possam ter aquela frente e lutar, porque a gente abriu a frente parlamentar... São seis frentes parlamentares que eu defendo aqui na Câmara de Vereadores, primeiro é a dos idosos, que é a Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa; depois vem: a pessoa com deficiência; as pessoas com altas habilidades; pessoas com doenças raras; nanismo, que eu aprendi a respeitar, a saber como falar, a gente usava os termos pejorativos, mas, quando você vai aprendendo, vai evoluindo como ser humano, você sabe olhar para aquela pessoa que tem uma diferença, com respeito, com carinho, com amor. Então me perdoem de eu ficar desabafando e falando demais. Marquinho, por favor, depois eu passo para as meninas para a gente encerrar.

SR. MARQUINHO LANG: Isso, tanto a professora Aline como a professora Renata colocaram antes a questão da Lúcia, e a gente luta tanto por isso. A gente gostaria tanto que os núcleos funcionassem – o NAAHS – e que, em 497 municípios do Estado, nós tivéssemos um NAAHS funcionando tanto na escola municipal, como na escola estadual integradas o tempo todo. Porque esse aluno passa – não é, Fernandinha? – de uma escola para outra com uma maior tranquilidade e ele se socializa dentro de uma sociedade tão desigual e tão complicada, muitas vezes, de lidar, porque as pessoas a complicam mais. Mas o Ver. Alvoní Medina colocou uma coisa que é fundamental: quando se constrói, se constrói... Nada sobre nós é sem nós. A participação ativa de todos, e que a gente possa continuar construindo dessa forma.

Nos municípios em que a gente atua mais e trabalha... Agora mesmo vim com a Lúcia, imagina, eu sou o presidente da Faders, a Lúcia é a nossa técnica que

vocês a conhecem melhor do que eu, ela que faz esse trabalho fantástico. Ela e a Larissa que estão diretamente ligadas à questão das altas habilidades e de superdotação. Nós estávamos falando agora, há pouco tempo, de quem? Do meu sobrinho neto, e a gente tentando... Ele está com 11 anos, mesma idade dos meus filhos Pedro e Miguel, estão sempre juntos, e a gente vai construir isso. Porque é evidente que, quando eu cheguei na Faders eu não tinha esse conhecimento, não tinha. É como o Ver. Alvoní Medina falou, eu sou muito melhor hoje do que eu era antes, mas eu estou longe de ser alguma coisa, mas eu melhorei bastante, por incrível que pareça. Eu achei que eu não teria... Porque eu sempre tenho aquela coisa: ah, não tu és um... Como se diz assim... E eu coloco aquela pauta ainda, essa é uma pergunta que eu quero fazer para a Lúcia depois, o que é melhor, o que atrapalha mais: um burro com atitude ou inteligente sem iniciativa? E depois essa pergunta, tu vais me responder: o que atrapalha mais a sociedade? E nós temos os dois casos, tem uns que têm muito conhecimento, Ver. Adeli Sell, e que não repassam esse conhecimento. E muitos que são burros, mas com atitude e, às vezes, eles atrapalham porque, sendo burro com atitude, tu atrapalha. E a gente construiria tudo isso, se nós fôssemos organizados nos municípios. A pauta econômica, muitas vezes, é importantíssima, mas às vezes a gente tem muito orçamento para trabalhar e não consegue trabalhar esse orçamento. Eu sempre digo que, na sociedade como um todo, é 90%... A Lúcia vai ganhar a mesma coisa na Faders, ela é concursada, tem um valor "x" que ela ganha, e vocês? Olhem o trabalho que vocês fazem nas escolas, Renata, Aline e Fernandinha, vocês ganham alguma coisa a mais sobre isso? Não, pelo contrário, vocês se incomodam muito mais e vocês poderiam estar muito mais tranquilas com a questão da família de vocês – e cada um tem a sua família – e vocês têm que estar resolvendo a situação dos outros em vários horários. O nosso telefone nunca desliga, eu nunca desligo o meu telefone, eu o boto no silencioso, e as pessoas me ligam a qualquer momento, em qualquer lugar, e eu nunca vou deixar de atendê-las. Porque a questão econômica não importa, o que importa muito é a estrutura que a gente tem dentro das condições que a gente tem para fazer. Mas como eu estava

falando antes para ti, Aline, é fundamental o gestor estar comprometido, senão não funciona sem comprometimento. E nós temos uma pauta muito clara, na Faders nós não temos orçamento, gente, nós não temos orçamento para trabalhar, não temos um centavo de investimento, e a gente, de todas as formas, tenta montar. Aprendemos muito com a pandemia porque, hoje nós conseguimos atingir até fora do País, e vários eventos nossos... Eu não sei se na nossa turma agora tem alguém de fora do País, pode investigar, Lúcia, é bem provável que tenha porque a gente tem pessoal do México, de Portugal, do Uruguai, da Argentina, do Chile que participam de várias pautas que a gente faz no trabalho que a gente faz gratuitamente. Porque nós somos pagos para isso, mas é muito melhor, às vezes, tu não te comprometeres e viveres uma vida tranquila do que, às vezes, tu pegares essa responsabilidade. Mas isso faz a diferença e, quando a gente faz a diferença, é dessa forma. E as pautas não podem ser de governo, elas têm que ser de estado, tem que ser do estado, e é isso que a gente tenta fazer, por isso eu acho que a gente tem esse trabalho que a gente vem tocando. E podem ter certeza de que essa pauta é fundamental, é aquilo que vocês falaram: “Marquinho, a Faders faz a sua parte, a gente tenta, de todas as formas, ampliar isso”. E vamos continuar lutando pode ter certeza, Vânia, nós vamos continuar lutando para fazermos o nosso melhor.

SR. NELSON KHALIL: Eu só quero fazer uma observação prática agora em relação à lei do passe livre, que realmente é absolutamente necessária, e a questão do CID é uma questão que já está superada. Inclusive agora na 5ª Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência a questão do biopsicossocial ficou em destaque, é uma das demandas ótimas que precisa ter. Mas, além disso, nós temos outros problemas na lei que foi aprovada aqui na Câmara que atinge pessoas com deficiência e atingirão também as pessoas com altas habilidades. Então eu proponho e eu sugiro – já que houve aqui ciência do Adeli; pelo que eu percebi também, a Ver.^a Fernanda Barth também concordou, e sei que o senhor concorda e a Biga também vai concordar – que a gente faça e chame a contribuição do Conselho Municipal, do Conselho Estadual, da Faders

para que a gente possa colaborar em solucionar esse problema que está causando dificuldades na área de saúde e na área de ensino para pessoas com deficiências e altas habilidades. Isso é fundamental; o direito de ir e vir está causando, por questões econômicas, numa cidade que dá R\$ 130 milhões por ano em incentivo às empresas de ônibus, dificuldades terríveis para essas pessoas. Obrigado, foi um prazer estar aqui.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Para encerrar, considerações finais, por favor?

SRA. RENATA VANIN DA LUZ: Eu já falei demais, já me deram muita água aqui. Vai, Aline.

SRA. ALINE RUSSO DA SILVA: De nossa parte, gostaríamos de agradecer pelo convite e nos colocamos sempre à disposição dos vereadores, que, junto conosco, vêm para lutar por esta pauta, pela questão das altas habilidades e superdotação. A gente agradece, enquanto professoras que somos de sala de aula, mas também enquanto SMED, fazendo esse serviço na ponta, na escola. Não sei se a Renata quer, mas, de minha parte, deixo esse agradecimento por esta participação. A luta continua; a gente continua nessa demanda e nessa pauta.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Pode falar, não falou demais, falou o fundamental e o importante.

SRA. RENATA VANIN DA LUZ: Dar um microfone para uma professora é como dizer assim: “Tem uma listinha aí do que tu queres comprar?” “Tenho, vou te passar no *link* pelo Google Drive, porque nem cabe.” Mas, para divulgar o nosso trabalho, temos um perfil nas redes sociais que se chama @altashabilidadespoa, onde a professora Aline Russo e eu tentamos mostrar um pouquinho do que fazemos, mas a gente não consegue, porque a gente mais faz do que mostra. É

uma forma de nos acessar, de pedir material, de a gente estar em contato. É isso. Obrigada.

SRA. FERNANDA LEÃO MOREIRA FARIAS: Eu só venho agradecer em meu nome e em nome da associação, da minha vice-presidente, Lexandra, que está aqui ao meu lado. Agradeço, porque tudo o que está acontecendo não estaria acontecendo se não fosse por vocês. Então, minha gratidão. Sei que tudo o que batalhamos e trazemos como pautas é atendido dentro do possível. Eu me coloco à disposição, a associação também se coloca à disposição para tirar dúvidas e trazer cada vez mais consciência sobre este tema das altas habilidades, que realmente não é tão visto, mas hoje já está sendo mais visto, tendo essa data tão importante para a gente poder divulgar. Muito obrigada.

SR. MARQUINHO LANG: Quero agradecer a todos, principalmente à tua condução, Ver. Alvoni, pelo trabalho que é feito, à Ver.^a Biga, à Ver.^a Fernanda, e a todos os vereadores que passaram por aqui. Agradeço também a vocês, porque realmente a gente pode dizer e se orgulhar.

SRA. LÚCIA LAMB: Muito obrigada mesmo. Síntese do que eu anotei durante as apresentações, que vou anotar isso aqui para cobrar, e peço que as gurias aqui me ajudem. Falou-se em orçamento. Muitas atitudes, muitas iniciativas políticas precisam ouvir o metal, certo? Muito bem. Conhecimento é orçamento; aprendi isso com uma diretora de uma escola estadual. A história mais extensa eu conto no próximo evento, até porque, no próximo evento, quem nós precisamos convidar: representantes das sociedades de psicologia, representantes de todas as entidades médicas. As pessoas precisam estar aqui para, quando uma família com um bebê vai ao médico e diz: “Olha só, a minha bebê com seis meses já está falando. Será que ela não é diferente?” “Ah, não te preocupas, mãezinha. Cada criança tem seu tempo.” Então, precisamos desse pessoal conosco. Ministério Público, universidades; tem algum representante de alguma universidade aqui hoje? UERGS, UFRGS?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. LÚCIA LAMB: Pois é, nós precisamos. Nada pessoal, mas nós precisamos desses representantes oficiais. Fica a sugestão para os próximos eventos e para outras entidades e conselhos também: trazer mais pessoas que possam influenciar e verificar todas essas demandas das altas habilidades. Quando o menino do vídeo, que falou muito bem – esse guri é sensacional –, mencionou que as pessoas tinham que entender que temos mais facilidade de aprendizado. A facilidade de aprendizado, para quem já estudou a didática, sabe que pode vir conforme o ambiente escolar. O aprendizado pode ficar fácil para qualquer pessoa; a diferença que eu vejo é que, em geral, entre todas as inteligências, o superdotado tem mais felicidade no aprendizado do que muitas pessoas. O ideal seria que todos ficassem felizes ao aprender, né? Então, por enquanto é isso. O restante que eu anotei vou deixar para outro momento. Muito obrigada e um abraço para quem estava aqui.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Agradeço a presença de todos. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião. Obrigado, Ver.^a Biga, obrigado, Ver.^a Fernanda, obrigado, Marquinho; e obrigado a todos. Que Deus abençoe a volta de cada um de vocês.

(Encerra-se a reunião às 15h52min.)